

## RESUMO EXECUTIVO

### E agora, tchê?

Gabriela Garcia e Isadora Aires

A reportagem “E agora, tchê?” começou a ser produzida a partir do encontro que nós, alunas, tivemos com a professora Thaís Furtado depois de nossa pauta ser selecionada. Em um momento posterior, também conseguimos conversar pessoalmente com Marcelo Soares, nosso jornalista mentor, que estava em Porto Alegre. O primeiro passo, então, foi buscar referências sobre o assunto na internet. Dessa forma, conseguimos descobrir nomes de estudiosos da cultura gauchesca e também do machismo dentro do tradicionalismo.

Encontramos também alguns *cases* – entre eles o da Márcia Borges, “patroa” de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), que está na abertura da matéria – e cantores com músicas polêmicas e misóginas. Em seguida, selecionamos algumas dessas pessoas para serem nossas fontes. Nem todas nos atenderam ou aceitaram falar conosco, por isso, fomos substituindo algumas ao longo da produção da matéria.

Durante a etapa das entrevistas, o Skype foi um grande aliado. Com as fontes que estavam longe e das quais não precisaríamos de imagem, a conversa foi feita por vídeo ou telefone. As entrevistas pessoais foram realizadas com Márcia Borges, com a jornalista Shana Muller e com as mulheres que comandam um CTG em São Francisco de Paula, na serra gaúcha. As últimas, por sinal, foram entrevistadas na própria cidade. A fotógrafa contratada, Camila Hermes, nos acompanhou até o CTG Rodeio Serrano, onde conversamos com as mulheres e vivenciamos o dia a dia delas.

Com elas, acompanhamos um dos bailes do CTG, no sábado à noite, e uma cavalgada das prendas, realizada com muita chuva no domingo. Visitamos também o CTG 35 e o Acampamento Farroupilha em Porto Alegre. Para que a reportagem tivesse dados relevantes, além dos que já havíamos apurado, contratamos um instituto que realiza pesquisas em Porto Alegre, o Index, para aplicar um questionário elaborado por nós e

pelo Marcelo sobre o machismo dentro da cultura tradicionalista gaúcha. As perguntas foram feitas a 305 pessoas em três pontos diferentes da cidade: o Acampamento Farroupilha (onde grande parte dos frequentadores é tradicionalista ou simpatizante), o Parcão (com um público mais elitizado) e o Brique da Redenção (lugar mais democrático, que é frequentado por quase todos os públicos).

Durante todo o processo, tivemos várias reuniões e interações online tanto com a professora quanto com o mentor. Ao final, editamos o texto e contratamos a jornalista Thaís Longaray para diagramar a reportagem de acordo com o nosso projeto.